



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Após manter taxa Selic estável, Banco Central divulga Ata da reunião do Copom e Relatório de Política Monetária na semana

- Após manter a taxa Selic em 15,0% a.a., o Banco Central divulgará a Ata da reunião do Copom e o Relatório de Política Monetária (RPM) na terça (23) e na quinta (25), respectivamente.** Os documentos devem detalhar a última decisão do Copom, que, embora amplamente esperada, trouxe um comunicado um pouco mais duro (“hawkish”) do que o antecipado pelo mercado. O texto indicou que a desaceleração econômica segue conforme o esperado, além de não indicar melhora do cenário inflacionário. Ainda, os agentes buscarão entender as atuais projeções de inflação do BCB, que permaneceu estável em 3,4% para o 1T27 (atual horizonte relevante), apesar da apreciação cambial das últimas semanas. As principais explicações seriam uma reavaliação da trajetória do hiato do produto, diante do mercado de trabalho ainda aquecido, ou um aumento na estimativa da taxa real neutra da economia, algo que deve ser explorado no Relatório. De toda forma, a percepção é que o BC deve usar os documentos para reforçar a mensagem de estabilidade dos juros até o fim do ano.
- Na agenda de indicadores, o mercado estará atento aos novos números de inflação, que devem mostrar uma alta relevante em setembro.** O IBGE divulga na quinta-feira (25) o índice IPCA-15 de setembro, prévia do índice oficial, com expectativa de alta de 0,52% no mês. A alta de setembro é explicada, em boa parte, pela devolução do Bônus de Itaipu, que pressionará as contas de energia elétrica. Por outro lado, a alimentação no domicílio deve seguir em deflação. No acumulado em 12 meses, o indicador deve voltar a superar 5%, alcançando 5,36% (ante 4,95%), mostrando que o processo desinflacionário tem se dado de forma gradual e não linear, justificando a postura mais conservadora do Copom.
- Os dados do balanço de pagamentos devem começar a indicar sinais de estabilização no crescimento do déficit externo.** O consenso do mercado projeta um déficit em transações correntes de US\$ 5,4 bi em agosto, ligeiramente menor do que o registrado em ago/24 (US\$ -6,5 bi), em razão de alguma melhora do saldo comercial. Com o resultado, o déficit acumulado em 12 meses deve interromper uma longa sequência de piora, passando de US\$ 75,3 bi para US\$ 74,2 bi (-3,4% do PIB), embora ainda acima da entrada de investimento estrangeiro direto no país. Os números serão divulgados pelo Banco Central na sexta-feira (26).
- No cenário internacional, a agenda traz dados de atividade e inflação nos EUA, que irão testar as expectativas de mais dois cortes de 0,25 pp pelo Fed até o fim do ano.** Na sexta-feira (26) serão divulgados os dados de gastos pessoais e o deflator de gastos, o índice de preços PCE, referentes ao mês de agosto. A expectativa do mercado é que os gastos avancem 0,5% no mês, sugerindo que o consumo das famílias segue em expansão, ainda que com um ritmo um pouco mais modesto. Já o índice PCE deve subir 0,3% no mês, acelerando para 2,9% (ante +2,6%) nos últimos 12 meses, reforçando as percepções trazidas pelas demais leituras de inflação de que, apesar de persistente e acima da meta, a inflação segue sem trazer grandes impactos das tarifas de importação sobre os preços, pelo menos até o momento.
- Completando a agenda internacional da semana, haverá a divulgação das prévias dos índices PMIs de setembro dos EUA e da Zona do Euro.** Os dados serão divulgados nesta terça (23) e trarão novos insumos para os agentes sobre o desempenho de ambas as economias em relação ao 3º trimestre. Adicionalmente, nos EUA será divulgada a leitura final do PIB do 2º trimestre e da confiança do consumidor de setembro, divulgado pela Universidade de Michigan.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
23/set	Ata do Copom	-	-	-
24-26/set	FGV: Sondagens de Confiança – Consumidor, Construção e Indústria	Set/25	-	-
25/set	IBGE: IPCA-15	Set/25	0,52% m/m 5,36% a/a	-0,14% m/m 4,95% a/a
25/set	BCB: Relatório de Política Monetária	3º tri/25	-	-
25/set	Reunião do CMN	-	-	-
26/set	BCB: Estatísticas do Setor Externo	Ago/25	US\$ -5,4 bi	US\$ -7,1 bi

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
22/set	Zona do Euro	Confiança do consumidor	Set/25 – prévia	-15,0 pts	-15,5 pts
23/set	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Set/25 – prévia	50,8 pts / 50,5 pts	50,7 pts / 50,5 pts
23/set	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Set/25 – prévia	51,9 pts / 53,9 pts	53,0 pts / 54,5 pts
24/set	EUA	Vendas de casas novas	Ago/25	-0,3% m/m	-0,6% m/m
25/set	EUA	PIB	2º tri/25 – final	3,3% t/t-1 (anualizado)	-0,5% t/t-1 (anualizado)
25/set	EUA	Pedidos de bens duráveis	Ago/25	-0,3% m/m	-2,8% m/m
25/set	EUA	Estoques no atacado	Ago/25 – prévia	0,1% m/m	0,1% m/m
25/set	EUA	Vendas de casas existentes	Ago/25	-1,4% m/m	2,0% m/m
26/set	EUA	Renda e Gastos Pessoais	Ago/25	0,3% m/m 0,5% m/m	0,4% m/m 0,5% m/m
26/set	EUA	Deflator de Gastos Pessoais (Índice PCE)	Ago/25	0,2% m/m 2,9% a/a	0,2% m/m 2,6% a/a
26/set	EUA	Confiança do consumidor (Univ. Michigan)	Set/25 – final	55,4 pts	58,2 pts

Fonte: Bloomberg.



ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

Copom mantém Selic estável, sem sinalizar intenção de reduzir juros no curto prazo

O Comitê de Política Monetária (Copom) manteve a taxa Selic inalterada em 15,0% aa, conforme esperado pelo mercado. A despeito da recente melhora em alguns indicadores, o comunicado não trouxe grandes novidades, reforçando a postura cautelosa do Banco Central, sugerindo assim que as chances de iniciar o ciclo de cortes de juros ainda este ano são baixas.

Na avaliação do ambiente externo, o Comitê reiterou a leitura de um cenário incerto, que demanda cautela. Adicionalmente, destacou que segue acompanhando os anúncios referentes à imposição de tarifas comerciais pelos EUA ao Brasil. No âmbito doméstico, destacou que a atividade segue desacelerando conforme o esperado, mas com dinamismo no mercado de trabalho.

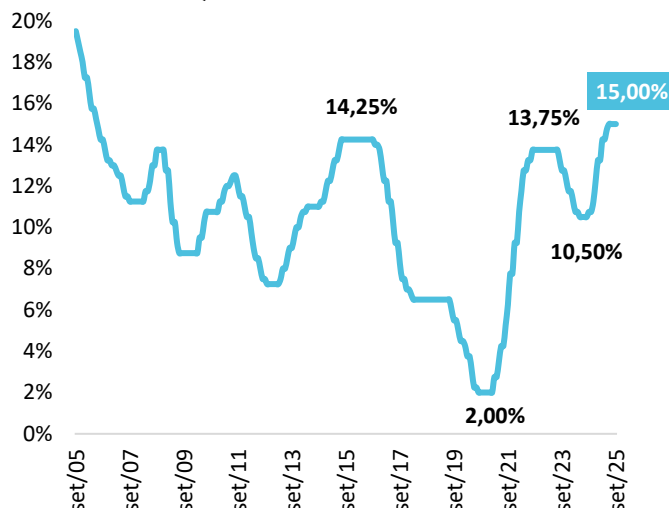
As principais novidades concentraram-se nas projeções de inflação. Para o horizonte relevante de política monetária (1T27), a projeção foi mantida em 3,4%, mesmo após a melhora de alguns fatores que poderiam justificar uma revisão para baixo, como a valorização do câmbio, a queda no preço do petróleo e a melhora nas expectativas de inflação. Isso sugere que o Banco Central pode ter revisto alguns parâmetros de seus modelos, como o hiato do produto ou a taxa neutra de juros, estimada até o momento em 5%, enquanto os analistas possuem uma estimativa maior (entre 5,5%-6%). Esses eventuais ajustes serão apresentados no Relatório de Política Monetária, que será divulgado nesta semana. Para 2025, a projeção recuou marginalmente, de 4,9% para 4,8%, enquanto para 2026 seguiu em 3,6%.

De forma geral, a mensagem central do comunicado foi idêntica à publicada na reunião anterior: “o cenário segue sendo marcado por expectativas desancoradas, projeções de inflação elevadas, resiliência na atividade econômica e pressões no mercado de trabalho”. Esse contexto, conclui, exige “uma política monetária em patamar significativamente contracionista por período bastante prolongado”. Ademais, também preservou a sinalização de que “não hesitará em retomar o ciclo de ajuste caso julgue apropriado”, que serve para reforçar a mensagem conservadora (“hawk”) do colegiado.

Em síntese, as poucas alterações do comunicado reforçam que os cortes de juros não devem começar tão cedo, ficando, provavelmente, para o início do próximo ano.

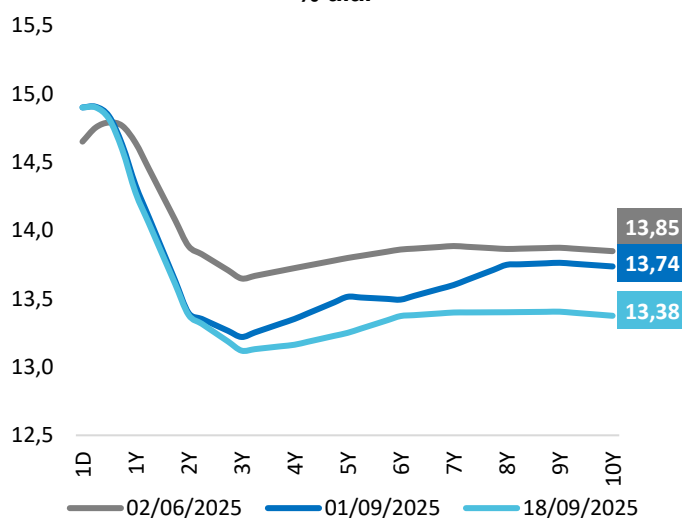
INDICADORES ECONÔMICOS

Quadro 1: Taxa Selic – % aa



Fonte: BCB

Quadro 2: Curva de Juros – % a.a.



Fonte: Bloomberg

Em relação à atividade, as proxies mensais do PIB recuaram em julho, sinalizando um fraco início de 3º trimestre e reforçando os sinais de continuidade do processo de desaceleração da economia neste segundo semestre.

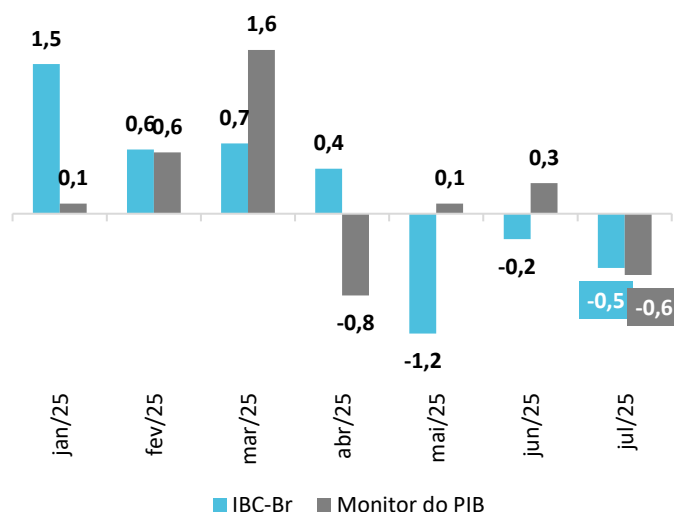
O índice de atividade econômica do Banco Central (IBC-Br) recuou 0,5% em julho, registrando a 3ª queda mensal consecutiva e acumulando retração de 1,9% no período. A queda foi mais intensa do que a esperada pelo mercado (-0,3%) e disseminada entre todos os grandes setores, com destaque para a indústria (-1,1%). Os serviços, que mostram maior resiliência ao longo do ano, também recuaram no mês (-0,2%). Com isso, o carregamento estatístico do índice para o 3º trimestre ficou negativo em 1,1%, após um modesto crescimento de 0,2% no trimestre anterior, indicando que a possibilidade de retração da economia neste trimestre não pode ser desprezada.

Na mesma direção, o Monitor do PIB, calculado pela FGV, recuou 0,6% em julho, também mostrando uma retração disseminada entre os principais componentes da atividade. O carregamento estatístico do Monitor ficou em -0,4% para o 3T25, indicando também a possibilidade de retração do PIB no trimestre. Pela ótica da oferta, houve queda da indústria (-0,6%) e da agropecuária (-3,8%), enquanto os serviços ficaram praticamente estáveis (+0,1%), mas aqui ainda se mantendo ligeiramente no campo positivo. Pela ótica da demanda, o consumo caiu 0,3%, enquanto os investimentos recuaram 2,4% no mês. Além do recuo mensal, a variação ante o mesmo período de 2024 mostra que ambos os componentes seguem perdendo dinamismo também nesta comparação (cf. Quadro 4). O crescimento do consumo das famílias alcançou a menor taxa de variação (+1,4%) desde o início de 2022, enquanto o ritmo de expansão da formação bruta de capital fixo também apresenta clara trajetória de desaceleração, recuando de 10,3% em fev/25 para 3,3% em julho.

No geral, os números de julho apontaram continuidade do quadro de desaceleração da atividade, refletindo especialmente os efeitos da política monetária contracionista, que afeta, sobretudo, os setores mais cíclicos da economia. Por sinal, os indicadores sugerem que o PIB pode mostrar alguma retração no período, além de colocar um viés de baixa nas projeções deste ano.

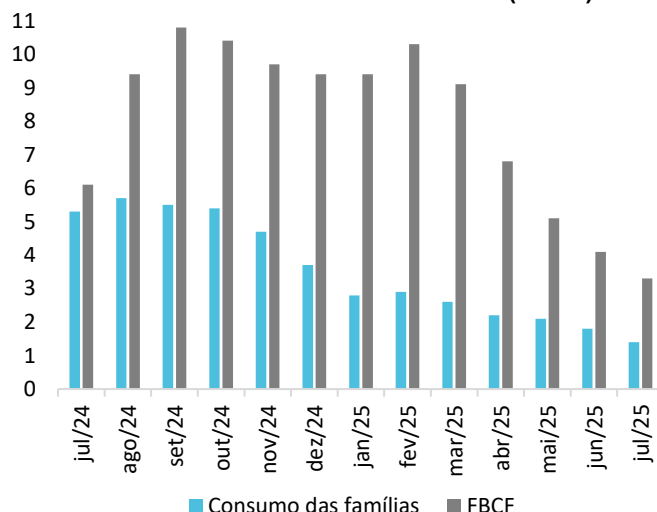
Na contramão, os números do mercado de trabalho apontam que o segmento continua aquecido, com a taxa de desemprego seguindo em queda e renovando o menor patamar da série (iniciada em 2012). Segundo a PNAD (IBGE), a taxa de desemprego recuou de 5,8% para 5,6% no trimestre encerrado em julho, abaixo das expectativas (5,7%). Na série com ajuste sazonal, o desemprego caiu de 5,9% para 5,8%, renovando também o menor patamar histórico.

Quadro 3: Proxies Mensais do PIB – Var.% mensal



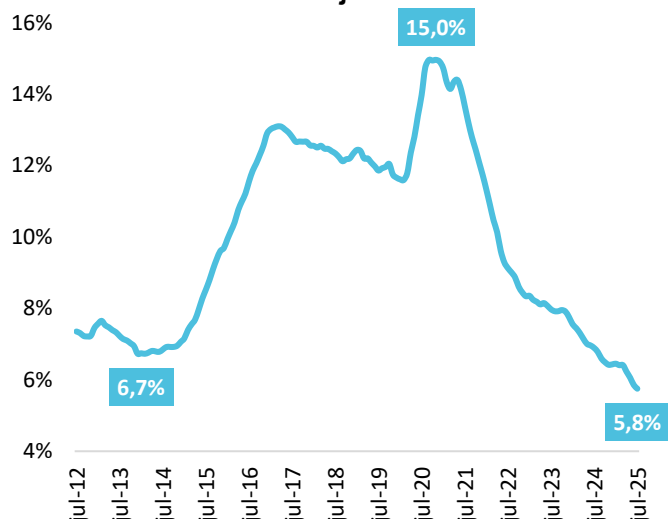
Fonte: BCB e FGV

Quadro 4: Monitor do PIB – Componentes Var.% trimestral móvel interanual (em %)



Fonte: FGV

Quadro 5: Taxa de Desemprego – Série com ajuste sazonal*



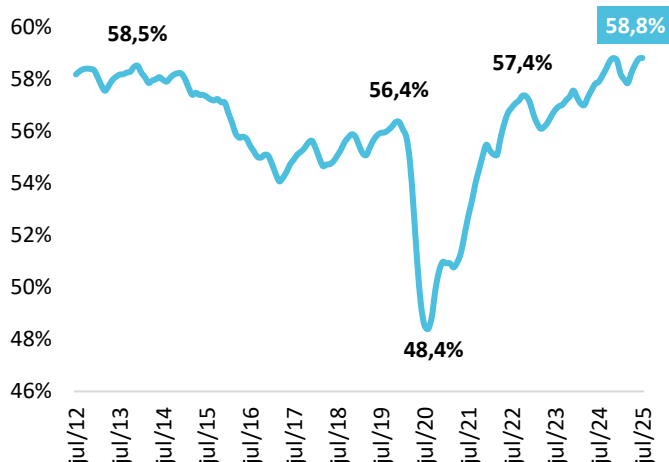
Fonte: PNAD. *Cálculo Febraban

A população ocupada segue em expansão, com alta de 1,2% no trimestre e 2,4% em 12 meses, alcançando 102,4 milhões de pessoas. Com isso, a taxa de ocupação – indicador que mede a proporção de pessoas ocupadas em relação à população em idade ativa (14 anos ou mais) – permaneceu no pico da série, em 58,8%. Na margem, o aumento da ocupação tem sido liderado pelos empregos por conta própria, com alta de 1,9% no trimestre e de 4,2% em 12 meses. Contudo, o emprego formal também segue em expansão, com o número de trabalhadores com carteira assinada no setor privado avançando 0,7% no trimestre e 3,5% em relação ao mesmo período do ano passado, representando 38,2% de toda população ocupada, maior patamar para trimestres encerrados em julho desde 2017.

O avanço da ocupação continua impulsionando o rendimento real das famílias, que atingiu R\$ 3.484 (+1,3% no trimestre e +3,8% em 12 meses), elevando a massa salarial para R\$ 352,3 bilhões (+2,5% no trimestre e +6,4% no ano).

Assim, os números do mercado de trabalho seguem surpreendendo positivamente, contribuindo para evitar uma desaceleração mais pronunciada do consumo das famílias.

Quadro 6: Taxa de Ocupação
População Ocupada / População em Idade Ativa



Fonte: PNAD.

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Fed retoma ciclo de afrouxamento monetário e traz otimismo ao mercado

A semana foi marcada pela retomada do processo de flexibilização monetária pelo Fed, que realizou o primeiro corte de juros do ano após cinco reuniões consecutivas de manutenção da taxa. A decisão era amplamente esperada e, apesar do tom de cautela do comunicado e das declarações de Jerome Powell na coletiva de imprensa, as projeções de novos cortes ainda neste ano pela maioria dos membros do Comitê deram suporte aos ativos de risco. Como resultado, os principais índices acionários do país (Dow Jones, Nasdaq e S&P500) renovaram suas máximas históricas na semana. Outro fator que contribuiu para o otimismo do mercado foram os sinais de progresso nas negociações entre EUA e China, com notícias sobre conversas entre Donald Trump e Xi Jinping.

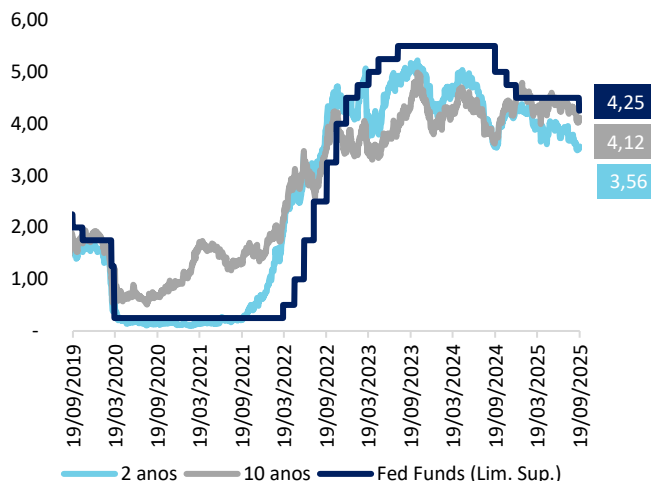
O Fed cortou os juros em 0,25 pp, levando os *Fed Funds* para o intervalo entre 4,00% e 4,25% aa. No comunicado, a instituição indicou que a decisão refletiu uma mudança no balanço de riscos, com uma maior preocupação com o desaquecimento do mercado de trabalho. Já a avaliação sobre a inflação é que esta subiu e continua um pouco elevada. A decisão não foi unânime, Stephen Miran, indicado recentemente por Trump, votou por uma redução maior dos juros, de 0,50 pp. Na coletiva, Powell reforçou que o objetivo do Comitê é garantir que o impacto pontual das tarifas na inflação não se torne um problema duradouro. Além disso, preferiu não indicar novos cortes para as próximas reuniões, afirmando que as decisões serão tomadas de “reunião em reunião”. De todo modo, a mediana das projeções econômicas divulgadas pelo Fed apontam para mais dois cortes de 0,25 pp até o final do ano, que levariam os juros para o intervalo entre 3,50% a 3,75% aa.

Já os dados de atividade de agosto no país vieram acima do esperado. O varejo cresceu 0,6% no mês, engatando a terceira alta seguida. A indústria, por sua vez, avançou apenas 0,1%, não revertendo a queda de julho (-0,4%).

Na China, os dados de atividade de agosto trouxeram novos sinais de perda de dinamismo da economia no 3T25. No comparativo com ago/24, a produção industrial subiu 5,2%, enquanto as vendas no varejo avançaram 3,4%. Junto aos números de julho, os dados sugerem um crescimento abaixo de 5% do país neste 3º trimestre.

Por fim, na Europa, a leitura final da inflação de agosto veio em linha com a prévia e subiu 0,1% no mês, levando o CPI a ficar estável em 2,0% em 12 meses, em linha com a meta de inflação.

Quadro 7: Fed Funds (Lim. Sup.) e Rendimentos das Treasuries (2 e 10 anos) – Em % aa



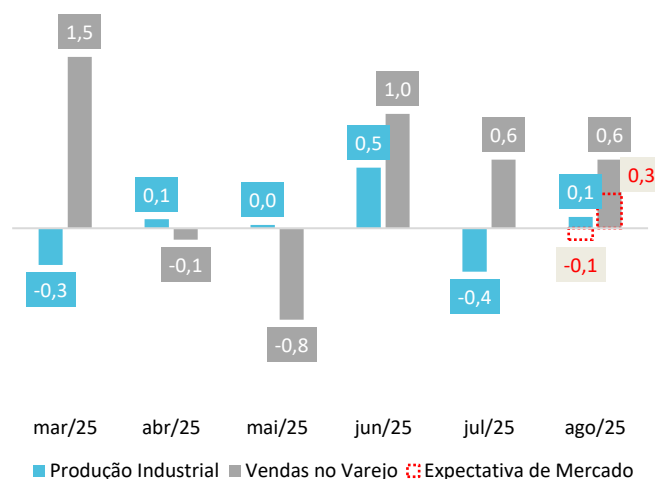
Fonte: Bloomberg.

Quadro 8: Fed – Projeções Econômicas

	Projeção set/25			Diferença ante jun/25 (p.p.)		
	2025	2026	2027	2025	2026	2027
Taxa de Juros (% aa)	3,6	3,4	3,1	-0,3	-0,2	-0,3
Inflação Núcleo do PCE (Var. % a/a)	3,1	2,6	2,1	0,0	+0,2	0,0
PIB real (Var. % a/a)	1,6	1,8	1,9	+0,2	+0,2	+0,1
Taxa de desemprego (%)	4,5	4,4	4,3	0,0	-0,1	-0,1

Fonte: FED/Summary of Economic Projections

Quadro 9: EUA – Produção industrial e Vendas no Varejo – Var. % m/m



Fonte: Bloomberg

Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

CRÉDITO / BANCOS

Ritmo de expansão anual do crédito deve seguir em moderação gradual

O saldo da carteira de crédito total deve crescer 0,7% em agosto. Com o resultado, o ritmo de expansão anual da carteira deve seguir mostrando alguma desaceleração, recuando de 10,7% para 10,3%.

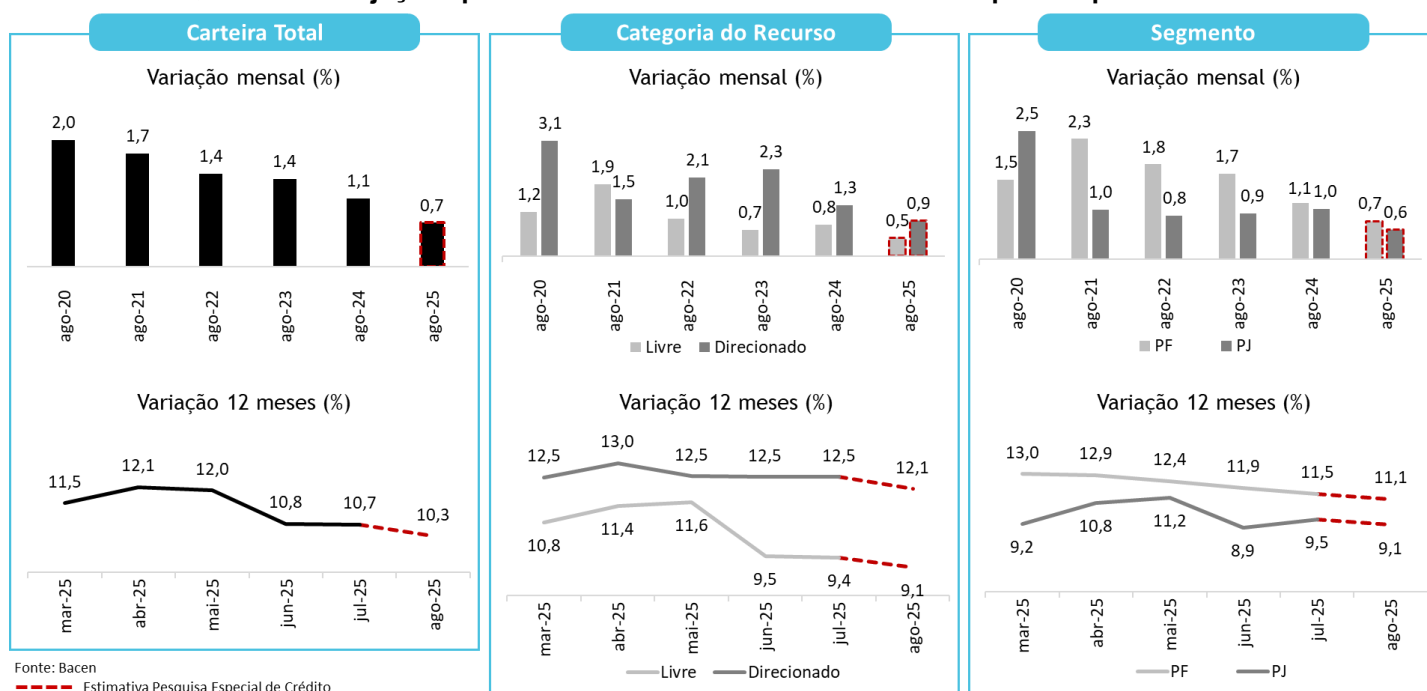
No mês, o avanço deve ser liderado pelo crédito direcionado (+0,9%). A carteira PJ Direcionada deve seguir apresentando números fortes (+1,2%), se mantendo impulsionada pelos programas governamentais e recursos via BNDES. O resultado deve fazer com que o ritmo de expansão anual da carteira siga acelerando (única a registrar aceleração), de 16,1% para 16,3%, um nível já bastante elevado. A carteira PF Direcionada também deve mostrar expansão no mês, de 0,8%, mas abaixo do registrado em ago/24 (+1,5%), com o ritmo de expansão em 12 meses desacelerando de 10,7% para 10,0%. Essa acomodação é explicada especialmente pelo desempenho mais fraco do crédito rural, em decorrência do aumento da inadimplência no setor.

O crédito livre, por sua vez, deve crescer 0,5% no mês, mantendo a tendência de perda de fôlego. A carteira PF Livre deve avançar 0,7% no mês, mantendo o ritmo de expansão anual praticamente estável, em 12,0% (ante 12,1%). O ponto de atenção, contudo, é

a piora na composição da carteira, com o crescimento sustentado pela expansão das linhas de maior risco, como as rotativas. Já a carteira PJ Livre deve dar sequência ao movimento de desaceleração. Com alta esperada de 0,2% em agosto, o ritmo de expansão em 12 meses deve cair de 5,8% para 5,0%, refletindo a política monetária contracionista e a majoração das alíquotas do IOF sobre operações PJ (exceto risco sacado).

No geral, os dados de agosto reforçam a leitura de uma desaceleração mais disseminada do crédito. O crédito livre, mais sensível à política monetária, mantém trajetória de perda de fôlego, especialmente nas operações para empresas, que também sentem os efeitos da majoração recente do IOF. Para as famílias, o movimento é mais contido, com o ritmo de crescimento ainda elevado, mas sustentado por uma piora na composição da carteira, com maior participação de linhas de maior risco, algo que merece atenção. A exceção permanece com o crédito direcionado às empresas, que se mantém impulsionado por programas públicos e recursos do BNDES, alcançando níveis elevados de crescimento e contribuindo para suavizar o movimento de desaceleração do crédito agregado. Ainda assim, esses estímulos não devem ser suficientes para impedir que a carteira total siga perdendo fôlego ao longo do 2º semestre.

Quadro 10: Projeções para o Saldo da Carteira de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

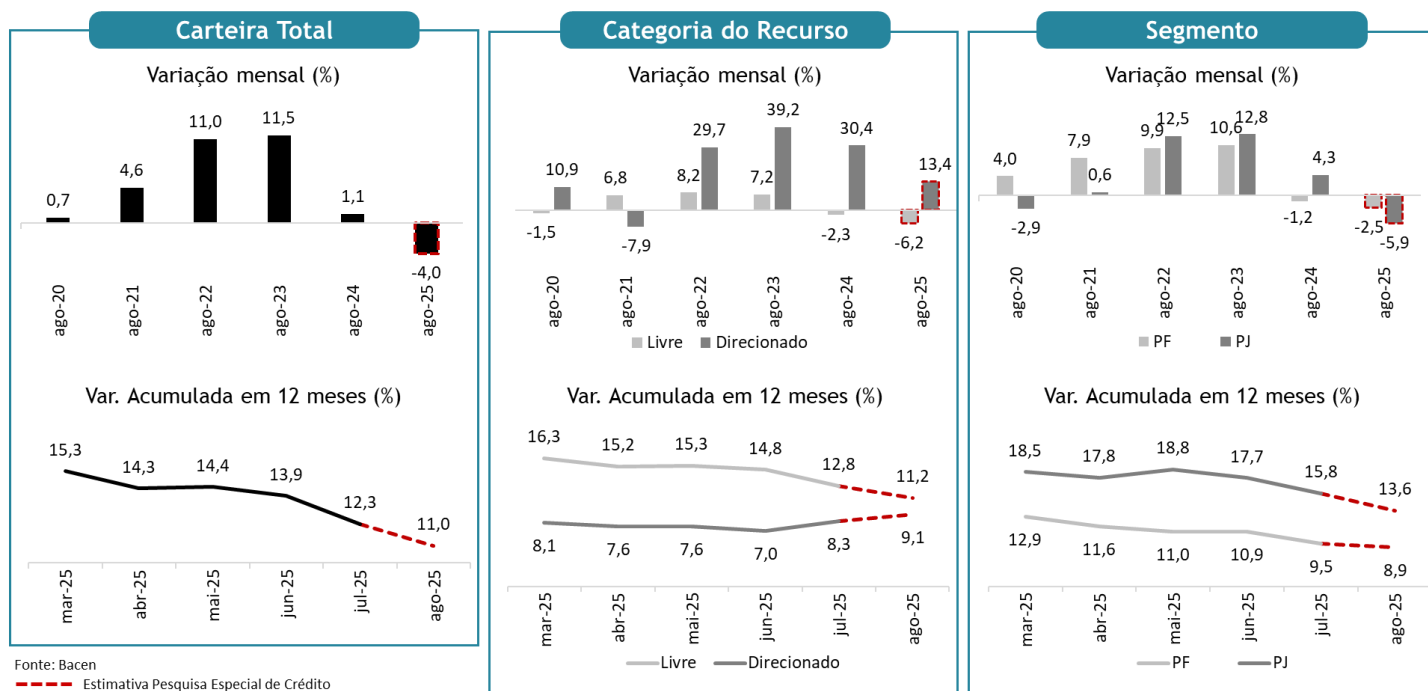
Em relação às concessões, a Pesquisa aponta retração mensal de 4,0% em agosto. Ajustando pelo número de dias úteis, o resultado representa uma expansão de 5,1% na margem. A alta no mês (com ajuste de dias úteis) reflete, principalmente, o forte volume de operações com recursos direcionados (+24,2%), liderado pelo bom desempenho para as empresas (programas governamentais).

Na comparação com agosto de 2024, que elimina efeitos sazonais, o resultado indica uma alta de apenas 3,3%, ou queda

de 1,7% quando também feito o ajuste inflacionário (em termos reais). No mesmo sentido, o ritmo de expansão acumulado em 12 meses deve seguir perdendo força, reduzindo de 12,3% para 11,0%, reforçando os sinais de acomodação do crédito.

A divulgação das Estatísticas Monetárias e de Crédito pelo Banco Central está programada para o dia 29 de setembro. Para ver o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 11: Projeções para as Concessões de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Resultado Corporativo 2º Tri/25

Caixa Econômica Federal

CRÉDITO / BANCOS

A Caixa Econômica Federal (CEF) registrou lucro líquido contábil de R\$ 3,7 bilhões no 2º trimestre 2025, queda de 39,6% ante o 1T25 e alta de 12,0% ante o 2º trimestre de 2024. A rentabilidade patrimonial (ROE) da CEF atingiu 12,4%, recuando 0,2 pp no trimestre, mas mostrando um bom avanço (+2,3 pp) na comparação anual. No trimestre, a queda do lucro decorreu, principalmente, da elevação da provisão para devedores duvidosos (+68,4%), em razão da maior inadimplência na IF, aliado à estabilidade da margem financeira.

No comparativo anual, as provisões seguiram em queda (-19,9%), ainda que de forma menos intensa do que no 1T25 (-57,7%), ajudando a explicar a alta do lucro nesta base. A variação segue impactada pelas alterações trazidas pela resolução CMN 4.966/21, que tem beneficiado a mensuração de risco de crédito para produtos com garantia, especialmente o imobiliário, produto predominante na carteira de crédito da Caixa. A margem financeira (+5,7%) também tem crescido ante 2024. Por outro lado, as receitas com serviços e tarifas ficaram praticamente estáveis (-0,7%), com menores ganhos em seguros (-26,7%) e fundos de investimento (-16,4%). Já as despesas ficaram estáveis no período (+0,3%), com alta das administrativas (+3,7%), compensadas pela queda com pessoal (-1,3%).

A carteira de crédito da CEF subiu 10,1% em 12 meses, atingindo um saldo de R\$ 1,294 trilhão no fim do trimestre. O crescimento segue liderado pelo crédito imobiliário (+11,7%), que representa 67,7% da carteira total da IF. A expansão tem sido puxada pela originação com recursos do FGTS (+14,9%) – 60% da carteira habitacional -, enquanto o saldo com recursos do SBPE (40% restante) tem crescido em ritmo mais modesto (+7,4%). As demais linhas de crédito também cresceram, com destaque para a carteira comercial (+8,7%), que contou com expansões tanto para as famílias (+9,1%) como para as empresas (+8,1%). Já a carteira do agronegócio cresceu apenas 2,6%, desacelerando ante as divulgações anteriores, em função do aumento da inadimplência no setor.

Neste sentido, a inadimplência da carteira (acima de 90 dias) atingiu 2,66% no 2T25, subindo 0,17 pp no trimestre. O aumento foi relativamente difuso entre as principais linhas, porém, mais intenso na carteira do agro (+2,72 pp, para 7,02%) e comercial para empresas (+2,02 pp, para 11,28%). A inadimplência do imobiliário, por sua vez, recuou 0,16 pp para 1,26%.

Por fim, as captações da IF seguem crescendo em bom ritmo (em 12 meses), com forte alta do saldo de Letras de Crédito Imobiliário (LCIs) (+37,0%), enquanto a poupança continua perdendo espaço, com alta de apenas 4,2%.

Quadro 12: CEF – DRE

Ítems de Resultado (R\$ milhões)	2T25	1T25	Δ%	2T24	Δ%
Lucro Líquido Contábil	3.682	6.101	-39,6	3.287	12,0
Lucro Líquido Recorrente	3.682	5.256	-29,9	3.287	12,0
Resultado Operacional	4.730	7.822	-39,5	2.926	61,6
Margem Financeira	16.358	16.351	0,0	15.481	5,7
Provisão para Créditos de Liquidação Duvidosa (PCLD)	(3.525)	(2.093)	68,4	(4.399)	-19,9
Resultado Bruto da Intermediação Financeira	12.834	14.259	-10,0	11.082	15,8
Receita com Prestação de Serviços ¹	6.706	6.535	2,6	6.755	-0,7
Despesas Administrativas	(10.800)	(10.861)	-0,6	(10.769)	0,3
Despesas de Pessoal	(7.212)	(7.556)	-4,6	(7.310)	-1,3
Outras Despesas Administrativas	(3.588)	(3.305)	8,6	(3.459)	3,7

Quadro 13: CEF – Carteira de Crédito Ampliada

Valor em R\$ milhões	Jun25	Mar25	Δ%	Jun24	Δ%
Imobiliário	875.484	850.488	2,9	783.568	11,7
Crédito Comercial	250.292	245.061	2,1	230.292	8,7
Pessoas Físicas	144.473	141.066	2,4	132.367	9,1
Pessoas Jurídicas	105.818	103.995	1,8	97.925	8,1
Saneamento e Infraestrutura	107.330	107.340	0,0	101.833	5,4
Agronegócio	60.511	63.537	-4,8	59.004	2,6
Carteira Total	1.293.616	1.266.425	2,1	1.174.696	10,1

Fonte: RI CEF.

Banco Central – Regulação

CRÉDITO / BANCOS

O Banco Central colocou em consulta pública (Consulta Pública 123/2025) na última quinta-feira (18) proposta de normativos que tratam da criação do indicador Liquidez de Curto Prazo Simplificado (LCRS) e da ampliação do escopo de aplicação do indicador de Liquidez de Curto Prazo (LCR).

Segundo o BCB, a proposta tem como objetivo fortalecer a capacidade das instituições financeiras de manter reservas de ativos líquidos para enfrentar períodos de escassez de liquidez, garantindo o cumprimento de obrigações, a continuidade das operações e a estabilidade do sistema financeiro.

A proposta do regulador é que o LCRS seja aplicável aos grupos compostos por pelo menos uma instituição financeira, enquadrados nos Segmentos 3 ou 4, e que captem recursos do público por meio de depósitos ou emissão de títulos. Já o LCR passaria a ser exigido também para instituições do Segmento 2, de forma idêntica ao requerido para instituições do Segmento 1. Adicionalmente, o BCB ainda pontuou que avaliará futuramente a implementação de um requisito de liquidez específico para instituições do Segmento S5.

O novo indicador de liquidez proposto consiste na razão entre o estoque de Ativos Líquidos de Alta Qualidade (ALAQ) e as saídas líquidas de caixa previstas para um período de 30 dias, com metodologia simplificada em relação ao LCR.

A proposta prevê a implementação de forma escalonada da medida: limite mínimo de 80% a partir de 1º de julho de 2026, subindo para 90% em 1º de janeiro de 2027 e atingindo 100% em 1º de julho de 2027. Essa mesma gradação seria aplicada ao LCR para instituições do Segmento 2.

O link com a Consulta Pública e proposta de normativo se encontra [aqui](#). As contribuições à Consulta 123/2025 podem ser enviadas ao Banco Central até 1º de novembro de 2025.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2025				2026			
	19/09/25	12/09/25	22/08/25	Viés	19/09/25	12/09/25	22/08/25	Viés
IPCA (%)	4,83	4,83	4,86	↔	4,29	4,30	4,33	↔
PIB (% de crescimento)	2,16	2,16	2,18	↔	1,80	1,80	1,86	▼
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	15,00	15,00	15,00	↔	12,25	12,38	12,50	▼
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,50	5,50	5,59	↔	5,60	5,60	5,64	↔

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	19/09/25	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,32	-0,56%	-1,94%	-13,81%	-2,51%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	126,64	-4,40%	-7,47%	-41,10%	-14,27%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	14,90	-0,02%	-0,04%	20,97%	39,97%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	14,31	-0,34%	-0,38%	-7,12%	22,46%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	13,28	-0,95%	-1,31%	-14,84%	10,80%
Índice Ibovespa (em pontos)	145.865,11	2,53%	3,14%	21,27%	9,06%
IFNC (setor financeiro)	16.099,14	3,31%	3,44%	36,09%	15,10%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	4,25	-5,56%	-5,56%	-5,56%	-15,00%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	3,57	0,45%	-1,25%	-15,80%	-0,27%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,13	1,55%	-2,39%	-8,94%	11,16%
Dollar Index	97,64	0,10%	-0,13%	-9,70%	-2,95%
Índice S&P 500 (em pontos)	6.664,36	1,22%	3,16%	12,82%	16,64%
Índice de ações de bancos – EUA	124,67	0,13%	-0,84%	3,81%	6,24%
Índice Euro Stoxx 50	5.458,42	1,26%	1,99%	12,10%	10,42%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	232,99	0,08%	3,82%	60,30%	59,41%
Barrel de Petróleo - tipo Brent (US\$)	66,68	-0,46%	-2,11%	-10,36%	-10,95%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira